



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas - ICH

Departamento de História

Thainá de Almeida Leite

**SONHANDO COM O TRAUMA: UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA DA
DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL**

Brasília - DF

2024



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

**SONHANDO COM O TRAUMA: UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA DA
DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL**

“Trabalho de Conclusão de Curso” apresentado na modalidade de artigo ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Daniel Faria

Brasília - DF

2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Daniel Barbosa Andrade de Faria

Prof.º Mateus Gamba Torres

Prof.ª Mariléa de Almeida

Resumo

O seguinte estudo tem como objetivo central compreender de que forma o uso de fontes oníricas contribui para o conhecimento histórico a respeito da Ditadura civil-militar no Brasil. Para tal, foi feita uma busca por relatos de sonhos de pessoas que viveram episódios traumáticos durante esse período e elaboraram tais experiências desestruturantes em sonhos. Para analisar esse tipo de fonte, o trabalho também se concentrou nas discussões historiográficas e psicanalíticas a respeito do trauma e da memória. Dessa maneira, pretende-se estudar o impacto, através dos relatos de sonhos, das ações repressivas sobre a experiência vivida. Para concluir, refletir sobre a perenidade dos traumas individuais como sintoma dos legados da Ditadura Militar ainda presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: sonhos, ditadura civil-militar brasileira, memória e trauma.

Abstract

The following study has as its central objective to understand how the use of dreamlike sources contributes to historical knowledge about the civil-military dictatorship in Brazil. For this, a search was made for dream reports of people who experienced traumatic episodes during this period and elaborated such experiences in dreams. To analyze this type of source, the work also focused on historiographical and psychoanalytic discussions about trauma and memory. Thus, it is intended to study the impact, through dream reports, of repressive actions on the lived experience. To conclude, reflect on the perenniality of individual traumas as a symptom of the legacies of the military dictatorship still present in Brazilian society.

Keywords: dreams, civil-military dictatorship, memory.

Introdução

A década de 1960 foi marcada por intensas disputas políticas que culminaram em um momento decisivo para a História do Brasil. A Ditadura Civil-Militar foi instaurada pelo golpe que, em março de 1964, destituiu o presidente João Goulart do poder. Ao longo de vinte e um anos, o país foi governado por cinco 'presidentes-generais'. Esse período foi caracterizado por perseguições políticas, censura e práticas de tortura, que começaram desde o início do regime, mas se intensificaram ao longo dos anos a medida que Atos Institucionais foram outorgados.

Os anos do período da Ditadura Militar no Brasil (1964 - 1985) formaram um momento traumático da História Brasileira que gerou e continua gerando impacto na vida dos brasileiros. Certamente os efeitos dessa ruptura que surge através de um Golpe de Estado, são analisados desde a sua deflagração até os dias de hoje pelos diversos ramos do conhecimento. E com o conhecimento histórico não foi diferente. Em razão do aprofundamento do conhecimento histórico, tem-se uma larga produção sobre a História da Ditadura Militar no Brasil com variadas abordagens. No entanto, para a produção desse estudo, as abordagens mais relevantes são a história da ditadura brasileira através do trauma e da memória.

No que toca à abordagem pela memória, por se tratar de um período que envolveu conflitos de grupos ideológicos- dentro da sociedade civil e também nas Forças Armadas-, esse capítulo da história brasileira fomenta ainda hoje disputas de memória. Marcos Napolitano (2014) afirma que momentos como uma ditadura ou uma guerra civil, isto é “momentos particularmente traumáticos na história das sociedades”, são momentos que despertam também conflito na escrita da história ou de uma narrativa dominante. Tendo em vista que os regimes posteriores desses eventos sejam revolucionários, sejam conservadores, precisam da história para se justificar e criar uma memória homogênea. É importante ter em mente que a construção da memória é um processo, portanto, pode ser alterada. ¹Por essa razão se faz tão necessário o estudo da memória da ditadura militar, e entender que tipo de memória sofreu tentativas de silenciamento pelas verdades “oficiais”.

Sob a perspectiva do trauma para a História, LaCapra (2005) argumenta que o trauma e seus desdobramentos apresentam desafios urgentes para a representação e compreensão do passado. Embora o conceito de trauma tenha origem na psicanálise, ele foi apropriado pela historiografia, especialmente após o debate sobre como escrever e narrar eventos traumáticos ter ganhado centralidade com o Holocausto.² Este período de grande violação dos direitos humanos também marcou uma virada no fazer histórico, uma vez que historiadores e historiadoras se depararam com um vasto volume de testemunhos de sobreviventes. A questão de como narrar e refletir sobre essas

¹ NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. Editora Contexto, 2014.

² LACAPRA, Dominick. **Escribir la historia, escribir el trauma**. Buenos Aires: Nueva visión, 2005.

experiências extremas tornou-se crucial, pois as narrativas tradicionais se mostraram insuficientes para abarcar a complexidade e o impacto dessas vivências.

Dessa forma, o presente trabalho também é viabilizado pelas rupturas que a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto provocaram no pensamento histórico. Desde a inspiração em uma jornalista alemã que viveu durante a ascensão do Terceiro Reich, até o uso de testemunhos de vítimas, a consolidação da área da História do Tempo Presente e a busca pela verdade, este estudo também se orienta pela tentativa de elaborar o trauma como um meio de resolvê-lo.

Posto isso, esse trabalho se estrutura a partir de experiências e memórias de algumas personalidades que foram dramaticamente impactadas pela ação do estado ditatorial. Os sintomas desse impacto, puderam ser transmitidos através de narrativas de sonhos traumáticos vividos por essas pessoas. Tal escolha metodológica se deu com o intuito de aprofundar a reflexão historiográfica não apenas sobre a tortura, mas também sobre o sofrimento psicossocial inferido a esses indivíduos. Pode-se observar casos em que, mesmo anos após terem vivido episódios traumáticos ou, mesmo exiladas em outro país, as pessoas continuaram se sentindo perseguidas ou aguardando o retorno de um parente desaparecido, como no caso de Flávio Tavares e no relato de uma irmã, respectivamente.

Cada sonho revela as várias estratégias de 'demolição subjetiva' empregadas pela máquina pública de tortura e como a vida dessas pessoas continua sendo afetada por um passado que não passa. O termo 'demolição subjetiva', cunhado por Marcelo Viñar, caracteriza uma tortura que vai além da agressão física e moral, sendo uma prática pensada para destruir a constelação identificatória e a singularidade do indivíduo.³ Pode-se observar casos em que, mesmo anos após terem vivido episódios traumáticos ou, mesmo exiladas em outro país, as pessoas continuaram se sentindo perseguidas ou aguardando o retorno de um parente desaparecido, como no caso de Flávio Tavares e no relato de uma irmã, respectivamente. Esses sonhos revelam a perenidade da ação torturadora na memória individual e coletiva, além de esclarecer os legados deixados pelo regime militar.

³ VIÑAR, Maren e Marcelo. *Exílio e Tortura*. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.

No primeiro momento será debatido o referencial teórico que alicerça o estudo, com ênfase nos principais pensamentos sobre o trauma e a memória para a historiografia e psicanálise. Em seguida será tratado das estratégias metodológicas utilizadas para seleção e categorização dos sonhos analisados. Na terceira e quarta seção serão analisados os sonhos reunidos que foram separados em dois grupos principais. Por fim, as considerações finais refletem sobre os legados da Ditadura e a importância de tais relatos para o conhecimento histórico.

Referencial Teórico

O referencial teórico deste estudo visa explorar os pontos de interseção entre trauma, memória, história e psicanálise. Tendo em vista a interdisciplinaridade apresentada, faz-se necessária a reflexão sobre esses conceitos científicos e como servem de alicerce para a investigação histórica dos sonhos.

Ao longo deste capítulo, serão apresentados conceitos chave que sustentam essa abordagem, começando pela tradição dos sonhos e definição de trauma, avançando sobre as teorias que definem as funções dos sonhos traumáticos. Em seguida, será discutido como Koselleck categoriza o uso dos sonhos como fontes históricas. E por fim a justificativa da jornalista Charlotte Beradt para registrar sonhos como registros históricos.

Embora à primeira vista o estudo dos sonhos pareça não ter uma relação direta com o estudo da História, é fato que os sonhos e seus respectivos significados ou funções sempre intrigaram o ser humano. Koselleck afirma que a importância histórica dos sonhos esteve presente durante todo o tempo nas mais variadas culturas. Não havia um consenso entre as tradições se a origem dos sonhos era divina, diabólica ou até uma mensagem de almas penadas. Mas era comum que existissem intérpretes oníricos na Antiguidade, e suas análises tinham impacto no cotidiano das pessoas e nas decisões de líderes.⁴ Com o decorrer do tempo, diversas tradições de análise dos sonhos se desenvolveram e até passaram por reformulações para explicar os sonhos traumáticos.

⁴KOSELLECK, Reinhart. “Posfácio”. In BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

Seligmann-Silva define o trauma em poucas palavras como uma ferida na memória. É uma definição cirúrgica que deixa evidente as principais análises deste trabalho e, também a conexão intrínseca entre trauma e memória. O trauma também é caracterizado pela incapacidade de representação e assimilação de um evento transbordante, como destaca Sigmund Freud.⁵ Sendo assim, a História, como disciplina que valoriza a memória, também deve interessar-se pelos desdobramentos causados por tais feridas.

A memória, embora vulnerável a traumas, carrega em si mecanismos de defesa e de reconstrução. Por essa razão, surgem tentativas de conferir sentido à experiência traumática que permitam o traumatizado a integrar-se ao evento transbordante. Freud sugere que, devido à intensidade do choque traumático, o mecanismo de defesa usualmente ativado para preparar o indivíduo para o estresse não funciona de maneira eficaz, o que faz com que o evento traumático seja ‘reexperimentado’ de forma retardatária e compulsiva. Essa compulsão à repetição, frequentemente manifestada em sonhos, é uma tentativa do inconsciente de dominar o evento traumático, integrando-o ao repertório psíquico do indivíduo.⁶

Ainda sobre as contribuições do psicanalista Sigmund Freud, vale refletir sobre suas teorias sobre os sonhos. Para ele, o sonho é a realização do desejo e tem a função primordial de proteger o sono. Do mesmo modo, sugere que os sonhos surgem como uma criação da mente para suprir a ausência de algo desejado. Eles representam uma tentativa de satisfazer impulsos eróticos que precisam ser direcionados a um objeto, mas que só podem se realizar quando encontram esse objeto.⁷

Nesse caso, os sonhos do trauma são uma exceção à regra. Além de fazer o sonhador a reviver um momento delicado, em muitas situações pode levar ao despertar devido ao desconforto físico causado durante o sono. No contexto da Primeira Guerra Mundial, Freud passa então a revisar suas hipóteses sobre os sonhos em razão do

⁵ SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, A. (org.). **A História como Trauma**. In: *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 84

⁶ SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, A. 2000,. p. 85

⁷ ENDO, Paulo. **Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil**. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 8-15, 2016. p. 8

surgimento das neuroses de guerra e de outros psicanalistas como Ferenczi fazendo novas propostas clínicas para analisar esses novos traumas.⁸

Em contraponto, no pensamento do húngaro Sándor Ferenczi, o trauma tem mais centralidade em comparação ao de Freud. Ferenczi considera que o trauma origina não só os sonhos, mas também a linguagem, a cultura e a própria subjetividade. Esse psicanalista propõe que o trauma vem do externo, e não das próprias fantasias do sujeito. Assim, Ferenczi afirma que, por ser de difícil assimilação, o trauma também tornaria impossível a total superação, sendo a única maneira de elaboração para o traumatizado a repetição.⁹

Todos os sonhos, no conceito ferencziano, tem como a principal função uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução. Dessa forma, amplia o entendimento do sonho ser apenas alucinação sobre um desejo e, o atribui um propósito curativo. Mesmo no caso de cenas oníricas que são reproduções das cenas catastróficas realmente vividas, a repetição seria para criar a situação em ambiente psíquico controlado. Isto é, para Ferenczi o sonho traumático é a inversão de perspectiva passiva para a ativa na atividade psíquica, uma forma de autoproteção contra o choque causado pelo ambiente. A repetição do sonho traumático seria como uma vacina administrada pelo próprio sujeito na intenção de imunizar (elaborar) contra o momento inconcebível.¹⁰

O modelo desenvolvido por Sandór Ferenczi, é bastante relevante para a proposta deste trabalho. No sentido de que os sonhos aqui reunidos demonstram a atividade psíquica afetada pelo contexto de um governo militar ditatorial e mais ainda traumatizada pelos impactos causados em suas vidas. Essa interferência pode ser observada até mesmo durante o sono, momento em que deveria ser seguro e privado.

Posto isso, vale entender como a historiografia pode se apropriar dessas fontes. Koselleck propõe o uso dos sonhos como fontes históricas em três níveis biográfico, social e simbólico:

⁸ Ibid. p.9

⁹ GONDAR, Jô. **Ferenczi e o sonho**. Cad. psicanál., Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 27-39, dez. 2013.

¹⁰ Idem.

Do ponto de vista teórico, é possível definir três níveis nos quais os sonhos podem ser aproveitados metodicamente pelos historiadores. Primeiramente, eles podem, na condição de sonhos individuais, ajudar a revelar uma biografia específica. (...) Em segundo lugar, sonhos podem ser lidos também como um meio transpessoal de relações e conflitos sociais e políticos, que se estendem desde a família até formas políticas de organização. (...) Finalmente, os sonhos podem ser lidos a partir de sua linguagem simbólica, que mais ou menos se fez valer ao longo do tempo. Nesse nível, são tratadas as questões de prazo e duração.¹¹

Através dessa citação, é possível antes de mais nada notar que Koselleck já sugeria o uso dos sonhos como fontes legítimas da pesquisa histórica. Os três níveis de análises sugeridos demonstram que ao integrar o estudo dos sonhos à análise histórica, os historiadores podem alcançar uma compreensão mais rica e profunda dos impactos de eventos traumáticos, como a Ditadura Militar, não apenas nas estruturas políticas e sociais, mas também na história cotidiana e na experiência vivida.

Da mesma forma, Beradt também menciona outra finalidade para a qual os relatos de sonhos podem ser utilizados. Segundo Charlotte Beradt, um dos motivos que a levou a coletar sonhos durante a ascensão do Terceiro Reich foi a ideia de que, se esse regime fosse julgado no futuro, esses sonhos poderiam servir como provas.¹² Essa projeção vai ao encontro com Napolitano, ele afirma que uma das vertentes de como superar traumas coletivos é a valorização institucional da memória das vítimas. Sendo assim, essas memórias servem como provas de reivindicações por justiça e verdade.¹³

Tendo em vista essa análise das diversas abordagens, este referencial teórico serve como alicerce para a investigação proposta. No entanto, para aprofundar essa análise, é necessário explorar mais detalhadamente os métodos adotados para o desenvolvimento do estudo. A seguir serão discutidos os principais procedimentos para a construção deste relatório.

Metodologia

¹¹ KOSELLECK, 2017, p. 169-170

¹² BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três Estrelas, 2017. p. 33

¹³ Um exemplo prático dessa ação institucional são as “Comissões da Verdade”.

Na historiografia, a natureza e a verificabilidade das fontes documentais utilizadas pelos historiadores sempre foi uma questão relevante. Tradicionalmente, as fontes utilizadas se concentram em artefatos, textos escritos, documentos oficiais e relatos orais. No entanto, o debate historiográfico passa por constantes transformações. Sendo assim, historiadores e historiadoras têm buscado novas fontes que auxiliem na captura de novas abordagens sobre a experiência humana, mesmo dentro das categorias do trauma e da memória. Nesse contexto, essa pesquisa se estruturou na busca por relatos oníricos, especialmente aqueles de natureza traumática, de pessoas contemporâneas ao recorte histórico escolhido.

A primeira inspiração metodológica para a realização deste estudo foi a leitura do livro *Sonhos no Terceiro Reich*, da jornalista e escritora alemã Charlotte Beradt. Ela viveu durante a ascensão do Terceiro Reich e, ao se deparar com sonhos políticos de pessoas em seu cotidiano, passou a coletar, entre 1933 e 1939, 'sonhos ditados pela ditadura' de pessoas comuns, sem envolvimento político direto. Segundo a autora, a ideia de documentar relatos de sonhos surgiu do entendimento de que esses sonhos estavam carregados de informações sensíveis a respeito de como essas pessoas se sentiam parte do mecanismo totalitário que emergira. Além disso, esses relatos fornecem um retrato do efeito dos fatos políticos externos no interior das pessoas, ou seja, o impacto direto de uma ação coletiva em um momento privado.¹⁴

A possibilidade de conhecer os sujeitos desse período histórico a partir de uma visão que também integra o inconsciente, como no trabalho de Charlotte Beradt, que recolheu sonhos durante o Terceiro Reich, despertou o interesse de questionar se essa abordagem poderia ser aplicada ao contexto da Ditadura Militar brasileira. Por também se tratar de um período de repressão ditatorial em que tanto a esfera pública quanto a esfera privada sofrem mudanças em seu funcionamento para compor o aparato repressivo do Estado. Da mesmmaneira, os testemunhos de pessoas que viveram

¹⁴ BERADT, 2017, 34-35.

durante momentos como as ditadura latino americanas, guerras ou a Shoah, permitem o preenchimento de lacunas na história deixadas pelo documentos oficiais.

Com isso, iniciou-se a busca por sonhos de pessoas contemporâneas à Ditadura Militar no Brasil. Tal procura pelas fontes foi uma parte crucial e também desafiadora desta pesquisa. Tendo em vista que não é um relato simples de achar porque nem sempre é registrado ou disponibilizado por quem sonhou. Os onirismo que serão posteriormente apresentados foram reunidos por meio de publicações de obras memorialísticas, de literatura, ou participação em estudos no ramo da psicologia. Vale ressaltar que os sonhos se encontram em citação direta, essa escolha se assemelha a metodologia de Beradt que afirma que é necessário que os sonhos falem por si só.

Contudo, uma abordagem que difere o presente estudo e o trabalho de Beradt, é o nível de envolvimento do com a política dos ‘sonhadores’. Diferentemente do estudo da jornalista, todos os relatos de sonhos que foram utilizados como fonte são de pessoas com algum nível de envolvimento com a política da época. Mesmo que não seja um envolvimento direto, como é o caso dos sonhos de familiares de desaparecidos. Essa escolha se deu porque na situação de figuras com vida política é possível encontrar esse material em acervos abertos, ou seja, em obras memorialísticas, biografias, entrevistas e textos literários.

Por essa razão, destaca-se uma ferramenta para a realização desta pesquisa: o uso da literatura de testemunho como parte substancial das fontes.¹⁵ Essas obras podem carregar em sua composição tanto uma retratação descritiva quanto uma leitura estética do passado.¹⁶ A primeira pode ser exemplificada pela obra memorialística de Flávio Tavares, enquanto o livro do professor Salinas se encaixa na segunda abordagem, por ser uma produção perpassada por sonhos, memórias e trechos de cartas. No entanto,

¹⁵ Considera-se literatura de testemunho obras de qualquer gênero, cujos autores vivenciaram, de alguma maneira, uma experiência-limite.

¹⁶ PENHAVEL, P. . **Leitura de Retrato calado, de Luiz Roberto Salinas Fortes: aproximações benjaminianas**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 60, p. 1–7, 2020. p. 2

ambas as abordagens da literatura de testemunho refletem a difícil representação de momentos traumáticos. Em razão dessa dificuldade, os relatos históricos e autobiográficos geralmente se apresentam de maneira fragmentada e figurada.

Os sonhos selecionados foram categorizados em dois grupos: sonhos de perseguidos políticos e sonhos de familiares. O primeiro grupo nos ajuda a entender as experiências diretas de repressão, tortura e coerção e o reflexo causado no inconsciente dessas pessoas que sofreram com violência física e psicológica. Em segundo lugar, os sonhos de familiares foram analisados para explorar como o trauma de perseguição afeta aqueles que, embora não tenham sido diretamente submetidos a abusos, vivenciaram o medo e a angústia associados à situação de seus entes queridos. Assim, foi possível desenvolver uma análise comparativa de padrões ou variações nas experiências oníricas.

O primeiro a ser localizado e também um dos sonhos mais significativos para essa pesquisa é o sonho traumático de Flávio Tavares exposto em seu livro memorialístico *Memórias do Esquecimento*. Esse relato serviu de modelo para a busca de elaborações oníricas semelhantes. Segue trecho do relato do sonho:

Ao longo dos meus dez anos de exílio, um sonho acompanhou-me de tempos em tempos, intermitente. Repetia-se sempre igual, com pequenas variantes. Meu sexo me saía do corpo, e caía-me nas mãos como um parafuso solto. E, como um parafuso de carne vermelha, eu voltava a parafusá-lo, encaixando-o entre minhas pernas, um palmo abaixo do umbigo, no seu lugar de sempre. Sonhei no México em 1969, com meu pênis saindo-me pelas mãos, seguro na palma esquerda, com os dedos da mão direita buscando sentir, aflitos, se ele ainda pulsava, se o sangue nele corria, se meu sexo ainda vivia.¹⁷

Flávio Tavares, jornalista e escritor brasileiro, teve uma trajetória de vida intimamente ligada à política e à militância contra a ditadura no Brasil, participando de

¹⁷ TAVARES, F.. **Memórias do esquecimento: Os segredos dos porões da ditadura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017. p 15

episódios marcantes desse período. Em 1961, ele participou da resistência armada juntamente com Leonel Brizola, numa ação chamada de “Campanha da legalidade” que foi uma investida para garantir que João Goulart assumisse a presidência após a renúncia de Jânio Quadros. Alguns anos depois, em 1967 foi preso e torturado no Rio de Janeiro e no mesmo ano estava no grupo de presos políticos enviados ao México em troca da libertação do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Elbrick, que tinha sido sequestrado.

Em seu livro, Flávio Tavares revela que quando esteve preso foi torturado em agosto de 1969 com choques elétricos por todo seu corpo. Essa experiência destruturante é reproduzida em sonho e levando em consideração o contexto geral pode representar uma manifestação simbólica do trauma e das tensões internas sofridas. Por essa razão vale a reflexão sobre possíveis significados que esse sonho pode ter.

A começar pela imagem mais evidente que é a castração. Muito mais que perder um órgão de seu corpo, perder seu genital pode estar ligado a ideia de também perder virilidade, potência e identidade. Mas também demonstra a autopercepção abalada do indivíduo e a tentativa de se reconstruir dentro das circunstâncias. O esforço de recolocar seu sexo no lugar durante o sonho, vai ao encontro com o que postula Ferenczi sobre o sonho traumático ter a função de mudar a perspectiva do traumatizado de passiva para ativa. Tavares revive em sonho esse momento delicado por várias vezes, ao ponto de quebrar o choque e passar a realizar uma ação reparadora que também pode ser interpretada como uma tentativa de reintegração, de reunir as partes perdidas de si mesmo e de recuperar uma sensação de totalidade e pertencimento.

Outro ponto que podemos destacar, mesmo vivendo em outro país durante o exílio, este jornalista ainda continuava sendo assombrado pela ação repressiva do Estado brasileiro até mesmo em momento que deveria ser de descanso. Embora viver na condição de exilado significa ser privado de seu país, família e de quase tudo que é

familiar. O sonho, dessa forma, pode demonstrar a angústia enquanto se vive nessas condições após um evento traumático.

Deste modo, após debater os principais métodos para essa pesquisa e o sonho modelo utilizado, serão abordados nos próximos capítulos os outros sonhos recolhidos.

Sonhos de Familiares

Sonho anônimo de uma irmã

O seguinte relato de sonho, compartilhado por uma irmã de um desaparecido durante a Ditadura Militar, oferece uma aproximação da sensação que várias famílias passaram ou ainda passam por perder um ente por desaparecimento forçado.

Quando ele desapareceu começaram os boatos de que ele tinha morrido, eu tinha pelo menos nos primeiros cinco ou seis anos, quase que toda semana, o mesmo sonho. Era como se fosse um campo aberto, onde eu estava lá. Tinha uma mata de pelo menos 1 km, mas na entrada da mata tinha uma pedra bem grande, e ele estava sentado nela. Do lado da pedra tinha um caminho bem estreitinho entrando na mata, tipo uma trilha. Eu o olhava, o reconhecia e corria para encontrá-lo, sendo que ele se levantava, olhava para mim, entrava na trilha e desaparecia. Eu saía correndo atrás dele, mas quando eu chegava na beira da trilha, eu não podia entrar.¹⁸

Sobre o desaparecimento de presos políticos, Mariana Joffily observa que era um recurso utilizado desde os primeiros momentos da ditadura, entretanto foi tendo aumento gradativo a partir de 1971 até 1974 quando teve seu ápice. Era uma maneira de ocultar as mortes que não precisava de justificativa, diferentemente dos supostos casos de tiroteio, suicídio, atropelamento ou fuga que comumente aconteciam sob a custódia dos militares. Além disso, o desaparecimento forçado pode ser considerado uma das demonstrações mais evidentes de repressão política. Uma pessoa que é colocada nessa condição, não pode ser protegida pelo aparato legal que protege a liberdade, a vida ou

¹⁸ ENDO, Paulo. **Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil.** Psicologia USP, v. 27, n. 1, p. 8-15, 2016. p.13

sua integridade física.¹⁹ Da mesma forma, a família ou os amigos não têm por onde procurar ou a quem responsabilizar, e muito menos viver o luto da maneira comum.

Novamente pode-se notar a repetição por anos do sonho traumático, reafirmando também a manutenção de questões não esclarecidas desse período na memória individual e coletiva. O sonho parece expressar o luto inacabado e a dor contínua de não saber o destino final do irmão desaparecido. É possível notar que a sonhadora anseia por respostas, podendo ser representada pela tentativa de correr atrás do irmão. No entanto, o fato de ele entrar na trilha e desaparecer simboliza a inacessibilidade do irmão e a impossibilidade de alcançar um encerramento emocional ou uma resposta definitiva sobre seu destino.

LaCapra também discorre que também pode existir resistência na elaboração de traumas. Pessoas vivenciaram experiências-limite ou pessoas que tenham empatia pelas mesmas, podem desenvolver um sentimento de fidelidade ao trauma. Isso pode ocorrer em razão da sensação de que ao criar maneiras de superar e sobreviver com trauma, seria uma maneira de trair os que foram mortos pelo passado traumático.²⁰ O caso de parentes de desaparecidos políticos sempre é bastante delicado devido a violência causada a essas famílias. Talvez essa recusa à elaboração do trauma seja também uma forma de manter viva e atuante a memória de seus entes queridos.

Como o psicanalista Paulo Endo afirma: “assassinados sem assassinos, torturados sem torturadores, estuprados sem estupradores são absurdos só compatíveis com a linguagem onírica que dispensa a lógica e tempo cronológico para reaver a gravidade e a extensão das formas e determinações inconscientes que regem o sujeito que sofre”. Portanto, os sonhos são ferramentas poderosas para entender as peculiaridades vividas em tempos de terror como a ditadura, apenas estes revelam sem limitações as experiências presentes na memória ainda sem resolução.

Sonho de Ñasaindy, uma filha

¹⁹ JOFFILY, Mariana. **No Centro da Engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirantes e no DOI-CODI de São Paulo (1969-1975)**, Orientadora: Maria Aparecida de Aquino. - São Paulo, 2008, 349f, p. 77.

²⁰ LACAPRA, 2015, p. 46

Com o propósito de continuar a reflexão sobre sonhos de familiares, será debatido o sonho de Ñasaindy Barrett de Araújo, filha de guerrilheiros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)²¹. Esse sonho nos revela a tentativa do inconsciente em lidar com memórias fragmentadas pela ausência do pai e também pelo esforço em elaborar seu luto.

Eu lembrei esses dias na audiência pública de um sonho que se repetia. O único sonho na minha vida que se repetia era esse. Era de um tronco de árvore que tinha perto da minha escola de verdade. Um tronco de árvore que se transformava num enorme índio que ia me visitar. Mas ele era tão grande que eu só via pela janela o rosto dele. E pouco tempo atrás eu fiquei sabendo que Araribóia tinha sido um índio. Olha só, tudo isso aconteceu esse ano. Eu falando com Mário Japa e ele comentou que meu pai se chamava Araribóia por causa de um índio. Aí eu fiquei pensando: será que na minha infância as pessoas falavam “Araribóia”? Eu não sei se eu sabia se era um índio, ou não, mas aquela simbologia foi forte. Talvez eu tenha ouvido na minha infância: “Araribóia era um índio.” E alguém falava: “Araribóia era seu pai”. Talvez de alguma forma eu transformei isso num sonho. Eu não sei como isso aconteceu, mas isso me emocionou. Então eu sinto que nesses dias ainda estou tratando os detalhes dele.²²

Ñasaindy Araújo filha biológica de Soledad Barrett Viedma e José Maria Ferreira de Araújo, nasceu em Cuba, onde também seus pais se conheceram durante o exílio. Quando ainda tinha pouco mais de um ano, seu pai retorna ao Brasil para dar continuidade à sua militância, e pouco tempo depois é a vez de sua mãe fazer o retorno. Os dois eram integrantes da VPR²³, o pai foi morto em 1970 sob tortura pelo

²¹ Esta organização surgiu em 1968, formada por dissidentes da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP) e do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Fundiu-se entre maio e junho de 1969 com a organização Comando de Libertação Nacional (Colina) para dar origem à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares).

²² RAMOS, Maria Vilar Ramalho. **Mortes roubadas: o luto dos familiares de desaparecidos políticos no Brasil**. 2017. p. 58

²³ Esta organização surgiu em 1968, formada por dissidentes da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (POLOP) e do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Fundiu-se entre maio e junho de 1969 com a organização Comando de Libertação Nacional (Colina) para dar origem à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares).

DOI-CODI/SP e a mãe assassinada em 1973 na chacina da Chácara de São Bento, em Pernambuco.²⁴

Com a vinda de seus pais ao Brasil, Ñasaindy foi criada como filha adotiva de Damaris Lucena em Cuba, outra exilada brasileira. Somente em 1980 conseguiram retornar ao Brasil, e foi apenas então que Ñasaindy passou a ter contato com suas famílias materna e paterna. Mesmo assim, viveu de forma clandestina por dezesseis anos, enfrentando problemas de documentação. Embora se considerasse parte da família de Damaris, a filha de guerrilheiros relata que precisou buscar informações sobre seus pais para primeiro conhecê-los e, em seguida, conseguir processar o luto por sua perda.²⁵

No relato de seu sonho, Ñasaindy Araújo apresenta uma interpretação própria do mesmo. José Araújo utilizava um pseudônimo indígena, Araribóia. Por essa razão, a imagem do índio que lhe visitava em sonho, repetida vezes segundo ela representava seu pai. A descoberta posterior de que seu pai era chamado de Araribóia parece fornecer um ponto de conexão entre o sonho e a realidade, mesmo na ausência de lembranças claras, essa reconstrução simbólica permite que a sonhadora crie um vínculo emocional com a figura paterna.

O sonho também pode ser visto como uma manifestação do trauma transgeracional, onde o impacto da violência sofrida pelos pais durante a Ditadura é transmitido para a próxima geração. Ainda em seu relato, é possível observar que seu luto está sendo elaborado de maneira contínua, ela afirma ainda estar emocionada e refletindo sobre o sonho anos depois demonstra que ele exerce um papel importante em seu processo de elaboração do trauma.

Sonho de Perseguidos Políticos

Sonho de uma ex-militante anônima

A seguir, o próximo sonho retrata uma manifestação do trauma vivido durante a Ditadura Militar, em que a experiência de privação, isolamento e violência é revivida

²⁴ SÃO PAULO, Assembleia Legislativa. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva". **Infância Roubada: Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. Assembleia Legislativa, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. p. 101

²⁵ RAMOS, 2017, p. 57

em um contexto onírico. A cena onírica é um testemunho da persistência do trauma e de como ele se infiltra na vida cotidiana, mesmo anos após o evento original.

Há algum tempo atrás ouvi um relato de uma militante política, presa e torturada no Brasil. Ela me dizia que frequentemente ocorria a ela a seguinte cena onírico-fantasmática: durante a noite, em sua casa, enquanto quase adormecia e sentindo um frio repentino na madrugada, reconheceu o seguinte devaneio: ‘eles só dão um cobertor’. Como se estivesse nos porões da ditadura perpetuando a experiência de privação físico-psíquica, que provavelmente seria uma das mais tênues enfrentadas por ocasião de sua prisão política.²⁶

A prisão política, a tortura e a espionagem eram práticas comuns do regime. Joffily afirma que uma pessoa ao ser presa poderia ser mantida incomunicável por meses. Tendo em vista que os códigos de processos e penal eram sistematicamente desrespeitados. Houve casos em que o indivíduo podia ficar detido por dias ou meses sem que a justiça fosse notificada.²⁷ Esse contexto nos faz entender que o fato de ser detido já era motivo de extrema tensão, porque não seria garantida a lisura no processo.

O sonho anônimo dessa sobrevivente, narrado pelo psicanalista Paulo Endo, demonstra a sensação de perigo revivida disparada pelo desconforto físico. O frio sentido durante a madrugada ou o cobertor único pode representar não apenas a privação material, mas também o isolamento emocional e psicológico imposto pela tortura e pela repressão. A experiência de ter apenas um cobertor remete à vulnerabilidade extrema e à falta de amparo.

Dessa maneira, no sonho traumático a impossibilidade da resolução do conflito, se mostra na tentativa de figuração. Ao invés de permitir que o inconsciente trabalhe para reconciliar o trauma com a narrativa onírica, o sonho continua preso à repetição da privação, representando a impossibilidade de escapar do impacto traumático.²⁸

Sonhos de Luiz Roberto Salinas Fortes

²⁶ ENDO, Paulo Cesar. **Violências, elaboração onírica e o horizonte testemunhal.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 343-349, 2009 B. p. 344

²⁷ JOFILY, 2008, p. 93.

²⁸ ENDO, 2009 B, p. 344

Outro exemplo de como as experiências traumáticas podem se perpetuar no inconsciente e emergir recorrentemente em momentos de vulnerabilidade são os sonhos do professor Luiz Roberto Salinas Fortes, ou apenas Salinas, como era conhecido.

Na noite passada, sonho de prisão. Outra vez. Venho voltando para casa quando de repente me vejo cercado por pequena multidão. É como se fosse um cortejo. Por entre as pessoas aqui. Por entre as pessoas, aqui e ali, alguns flics fardados de azul-marinho. Outros sem farda, mas tá na cara que são da polícia, essa gente é igual no mundo inteiro. De repente tudo vira comédia pastelão, as pessoas se empurram, se atropelam, atiram-se indefinidos objetos uns sobre os outros, enquanto a turbamulta vai evoluindo imperceptível e carnavalescamente em direção ao Palais de Justice. Na entrada, uma espécie de barreira. E logo a atmosfera muda bruscamente: a brincadeira generalizada dá lugar à carranca dos tiras. Documentos pedem eles. Documentos, documentos! Levo as mãos aos bolsos e descubro, com um frio na espinha, que não carrego nenhum documento. Documento, exige o tira. Não tenho aqui, mas moro bem pertinho, posso ir buscar, não tem problema não. Nada feito, evidentemente e, mais uma vez, me vejo detido. A cena se transforma. Cercado pelos tiras, eis-me dentro do Palais de Justice, submetido a intenso interrogatório. No começo tudo vai bem, os caras são parisiensemente polidos e tudo parece não passar de averiguação rotineira sem maiores consequências. De súbito tudo muda. Chega um novo policial com misteriosos papéis na mão e diz para os outros que o meu caso é mais grave do que parecia. Imediatamente, policiais com cara de torturadores fazem um círculo em torno de mim. Ficam na expectativa, enquanto os outros no fundo da cena deliberam. As suspeitas giram em torno de um crime misterioso, do qual eu seria cúmplice. Os tiras se divertem, anedotas, escárnio, zombaria alternam-se com ameaças. É evidente que os torturadores só esperam uma palavrinha para se atirarem sobre mim.²⁹(1988, p. 102-103)

Salinas foi professor de filosofia da Universidade de São Paulo, escritor, tradutor, jornalista e filósofo. Durante o período do regime militar, foi preso várias vezes e também torturado durante a década de 1970, em São Paulo. Seu livro, *Retrato Calado*, é em si uma maneira de quebrar o silêncio e elaborar o trauma experienciado por muitos anos. Em suas palavras: “eles quase tinham conseguido me quebrar, restando-me agora, como único recurso, como último antídoto e contraveneno, a

²⁹ FORTES, Luiz Roberto Salinas (1998). **Retrato calado**. São Paulo: Marco Zero. p. 102-103

metralhadora de escrever...”. Essa obra autobiográfica é rica em memórias, reúne tanto sonhos, trechos de cartas quanto diários pessoais.

O sonho de prisão com a temática de prisão parece ser um tema recorrente na vida onírica de Salinas. A atmosfera de perseguição, o sentimento de impotência e a constante ameaça de violência, vividos durante sua detenção, são retrabalhados em seus sonhos. Além disso, é possível relacionar a cena com a sensação de constante vigilância que as pessoas viviam e facilidade que podiam ser acusadas sem provas sólidas.

Sobre o documento no sonho, sua falta gera pretexto para desencadear o episódio de violência e acusação infundada. Esse sentimento de ser acusado injustamente pode ter deixado marcas profundas, que se manifestam no sonho como uma sensação de culpa. Sem o reconhecimento da identidade, o indivíduo estava à mercê dos agentes do Estado e de seu respectivo abuso de poder. A menção de um crime misterioso, do qual o professor seria cúmplice, pode representar a maneira como o regime ditatorial manipulava acusações e criava narrativas para justificar a repressão.

Outro sonho traumático de Salinas Fortes, também chama atenção e está carregado de significados:

A mesma cena repetiu-se durante muitas noites seguidas (...) De repente, uma horrível visão me atacava e me botava em verdadeiro pânico. Era a seguinte: eu me via, de repente, morto, dentro da sepultura. Achava difícil compreender como seria possível minha alma desvencilhar-se dos seus despojos para ir gozar, na melhor das hipóteses, as delícias do paraíso. Mas até mesmo os terrores do inferno me pareciam como menos terríveis do que a perspectiva de uma prisão perpétua dentro da cova, a contemplar impotente a decomposição gradativa, sob o ataque dos batalhões dos vermes inimigos. Fazia esforços sobre-humanos para compreender o enigma, suava e estremecia e o fracasso da investigação obscura me arrancava lágrimas de pânico.³⁰

Portanto, os testemunhos oníricos de Salinas, revelam a profundidade do terror internalizado no íntimo de uma pessoa que vivenciou a prisão e a tortura. Até mesmo a morte não põe um ponto final na angústia, e sim se torna uma extensão do pesadelo.

³⁰ FORTES, Luiz Roberto Salinas (1998). **Retrato calado**. São Paulo: Marco Zero. p. 65-66

Em casos como esse, a psicanálise afirma que o que acontece é a reprodução literal do trauma, a pulsão de morte domina e o sujeito não consegue viver outra coisa, senão o momento desestruturante.³¹ O sonho reflete a angústia existencial de não conseguir escapar dos horrores vividos, nem mesmo na morte. A metáfora da prisão perpétua dentro da cova ecoa a experiência da detenção e do controle opressor que o indivíduo sofreu, onde não há escapatória aparentemente, mesmo após o término da vida.

Considerações Finais

Para concluir, vale a reflexão sobre os principais pontos debatidos. Esse trabalho buscou investigar a maneira que o relato de sonho pode contribuir para o pensamento histórico. Mais especificamente, como o onirismo de pessoas que vivenciaram a Ditadura Civil-Militar brasileira pode contribuir para a compreensão desse mesmo período. Ao longo do estudo, ficou claro que os sonhos, conforme discutido por Koselleck, podem ser entendidos como uma importante ferramenta metodológica para os historiadores, oferecendo reflexões sobre a biografia individual, as relações sociais e políticas, e a linguagem simbólica. Autores como Freud e Ferenczi trouxeram diferentes perspectivas sobre o papel do trauma nos sonhos, enquanto Beradt justificou a utilização dos sonhos como provas históricas, evidenciando o impacto dos acontecimentos políticos na psique dos indivíduos.

É fato que a ditadura militar deixou marcas nas relações sócio políticas do Brasil até os dias de hoje. Mas e quanto o legado nas relações intrapessoais? A vida das pessoas que sofreram com a perseguição e coerção nunca mais foram como antes. E mesmo anos depois podiam ser perturbadas em momentos particulares durante a vigília ou fora dela. Fica evidente que os traumas individuais causados pela Ditadura Militar não são apenas marcas pessoais, mas também sintomas de traumas coletivos desse período sombrio, que ainda reverberam na sociedade brasileira.

³¹ ENDO, Paulo Cesar. **Violências, elaboração onírica e o horizonte testemunhal**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 343-349, 2009 B. p. 345.

Sendo assim, incluir a análise de sonhos na escrita histórica possibilita uma compreensão da experiência individualizada em um momento repressivo, mas também uma visão sobre o trauma coletivo inferido a vários grupos. Nesse sentido, os sonhos são apenas um exemplo de fontes não-tradicionais de memória que abre diversas possibilidades para a compreensão de um momento da História. Uma dessas possibilidades é a construção de uma história que leve em consideração as emoções, o inconsciente e a maneira como as experiências foram vividas e elaboradas.

O esforço para integrar os relatos de sonhos traumáticos ao estudo da Ditadura Militar, este trabalho busca não apenas enriquecer o campo da historiografia, mas também dar voz às experiências subjetivas que, muitas vezes, permanecem à margem da narrativa oficial.

Referências Bibliográficas

BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

ENDO, Paulo. **Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil**. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 8-15, 2016.

ENDO, Paulo. "Elaboração onírica e representação na literatura de testemunho pós-ditadura no Brasil." In: **Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica**, organizado por Maria Cristina Perdomo e Marta Cerruti. Editora: Sedes Sapientiae, São Paulo, 2009 A.

ENDO, Paulo Cesar. **Violências, elaboração onírica e o horizonte testemunhal**. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 343-349, 2009 B. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200006&lng=pt&nrm=iso>

FORTES, Luiz Roberto Salinas (1998). Retrato calado. São Paulo: Marco Zero.

GONDAR, Jô. **Ferenczi e o sonho**. Cad. psicanal., Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 27-39, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-6295201300020002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abril de 2024.

JOFFILY, Mariana. **No Centro da Engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirantes e no DOI-CODI de São Paulo (1969-1975)**, Orientadora: Maria Aparecida de Aquino. - São Paulo, 2008, 349f

LACAPRA, Dominick. **Escribir la historia, escribir el trauma**. Buenos Aires: Nueva visión, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Desafios para a História nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus**. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 18-56, dez. 2019. ISSN 2447-8261. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794/40072>>. Acesso em: 20 jun. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/his.v68i1.67794>.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. Editora Contexto, 2014.

PENHAVEL, P. . **Leitura de Retrato calado, de Luiz Roberto Salinas Fortes: aproximações benjaminianas**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 60, p. 1-7, 2020. DOI: 10.1590/2316-40186011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/30815>. Acesso em: 23 set. 2023.

RAMOS, Maria Vilar Ramalho. **Mortes roubadas: o luto dos familiares de desaparecidos políticos no Brasil**. 2017. 182 f., il. Tese (Doutorado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SÃO PAULO, Assembleia Legislativa. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva". **Infância Roubada: Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. Assembleia Legislativa, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. São Paulo: ALESP, 2014. 316 p. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.

SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, A. (org.). **A História como Trauma**. In: *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

TAVARES, F.. **Memórias do esquecimento: Os segredos dos porões da ditadura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

VIÑAR, Maren e Marcelo. **Exílio e Tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.